

ESTUDO DO PAPEL DA IGREJA NA SOCIEDADE MEDIEVAL E ANÁLISE DE SUAS IMPLICAÇÕES NAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DA REPÚBLICA DOS GUARANIS.

Nelson Luiz Posseti *

Cléa Carmete R. Martins **

Resumo

A Igreja encontra-se profundamente arraigada ao **contexto** da Idade Média, porquanto, não podemos menosprezar a importância de seu papel e a influência que nele exerceu. Sua Hierarquia, solidamente organizada e reconhecida inclusive pelo próprio Carlos Magno, caracteriza muito a complexidade da sociedade medieval e não raro, a autoridade religiosa partilha do poder fundiário, conciliando, defendendo interesses, amealhando bens, ditando comportamentos, preservando o patrimônio cultural...

Não obstante, estas variáveis sempre estiveram no bojo das crises que, por diversas vezes, a Igreja Medieval atravessou, dos grandes movimentos que a agitaram e das ações que desenvolveu e que culminaram na formação do pensamento da época e do processo de evangelização dos gentios, no nosso caso, os Guaranis. Assim sendo, propõe-se neste estudo, se verificar até que ponto a **influência** dessa mesma Igreja modelou os padrões sócio-

político-culturais dos Séculos XIV a XVIII.

Abstract

The church is deeply fixed in the Middle Ages context, there fore we can't disdain its importance and the influence that it carried out itself. Its hierarchy hardly organized and recognized even by Carlos Magno, characterizes a lot the complexity of Medieval Society and not rarely, the religious authority shares the landed power, counciling, protecting interests, saving belongings, ordering conducts, preserving cultural inheritance etc.

However, these variables were always among the crisis by which for several times, the Medieval Church went through, and the great movements that agitated it and the actions that developed and finished meanly in the period thoughts and in evangelization process of pagan beings; in our case, the Guaranis. So, we intend in this study, to find out until where the power of this church, flowed in political-social-economical standard from XIV to XVIII century.

* Mestrando em Educação. Docente da UNIPAR.

** Mestranda em Educação. Docente da FUNFAFI de Paranaguá - PR.

Introdução

Não deixa de ser interessante o estudo da Igreja e seu papel na Idade Média, consagrando alguma atenção às características sobre as quais muitos juízos insensatos foram feitos. Ao se propor, pois, a estabelecer uma análise interpretativa do poder e da influência que a mesma deteve e exerceu, respectivamente na sociedade medieval, tem-se que considerar substancialmente a preocupação em responder às necessidades da época, uma vez que contribuiu para o progresso material e moral dessa sociedade, transcrevendo e guardando manuscritos e fundando centros de erudição, sem os quais grande parte da história da época não teria chegado à posteridade.

Vê-se uma Igreja introduzindo uma postura revolucionária concernente à escravatura, pois se não se ergue totalmente contra a instituição escravocrata, uma das necessidades das civilizações antigas, mas luta para que o escravo, tratado até então como objeto, passasse a ser considerado como homem com direitos próprios da dignidade humana; assim como o direito ao asilo às pessoas.

Por outro lado, tem-se uma igreja que goza de privilégios, dentre os quais, possuir os seus próprios tribunais em luta cotidiana contra as heresias, como **garantia** da ordem social da época. Conhecer, pois, as razões e como a mentalidade da sociedade medieval foi influenciada pela Igreja, é tanto mais importante para compreender-se a época, do que simplesmente estudar a própria instituição, se o que mais faz sentido é ter-se em conta a atmosfera do tempo e o sentido prático e utilitário, traduzido, entre outras coisas, por uma grande prudência perante a vida, numa época de empirismo. Concorreu para que a vida não se assentasse sobre princípios determinados de antemão, mas sim, sobre aquilo resultante das condições a que esta é obrigada a adaptar-se.

Uma outra visão, justa e objetiva da História

da Igreja, tende a levar à percepção de que, em todas as épocas, também no século XIV, a santidade floresceu, através de homens e mulheres penitentes e abnegados, que gozaram dos dons da mística e deixaram eloqüente testemunho de vida no século.

A vida monástica se apresenta de certo modo como uma das opções dos indivíduos e do interesse do Estado, já que as questões de fé mereciam a intervenção inclusive dos próprios imperadores, redundando, muitas vezes, em preponderância dos interesses do **Estado** sobre os da **fé**.

Ao mesmo tempo, com o acúmulo de propriedades e de saber em meio a uma sociedade em geral analfabeta, as ordens monásticas, algumas vezes, tendiam aos abusos e à estagnação. Em geral, no entanto, reformando-se constantemente, foram capazes de manter um alto nível de devotamento e de serviços em benefício do bem comum.

Nesse contexto, surge a Campanha de Jesus que, a partir do Século XVI (1586), até 1767 - quando ocorreu a última expulsão jesuítica - e 1773, ao ser extinta, através de seus missionários, constituiu na América do Sul, reduções ou aldeamentos que defendiam os aborígenes da cobiça escravizadora dos brancos, num regime comunitário, sob inspiração caracteristicamente cristã.

Esta empreitada grandiosa deparou-se com a ambigüidade resultante do entrelaçamento do poder civil e da Igreja, uma vez que os monarcas de Portugal e Espanha serviram-se de pessoas e de proposições doutrinárias da Igreja, para melhor atingir e implantar seus intentos políticos.

Verificou-se que, na era dos descobrimentos (século XV e XVI), alianças pertinentes deram origem ao chamado "direito do Padroado", mediante as Bulas 'Eximiae Devotionis', 'Piis Fideium' e 'Universalis Ecclesiae'. Por elas os Papas concediam aos reis de Portugal e Espanha, faculdades para facilitar a evangelização das terras recém-descobertas, podendo enviar missionários,

constituir paróquias, cobrar dízimos e indicar bispos.

Como decorrência, as Leis da Igreja tornavam-se leis civis, desde que promulgadas pelo monarca, e isto dava origem a uma espécie de Vicariato Régio para os Assuntos Religiosos no continente latino-americano.

Pressupõe-se que a intenção dos pontífices era boa, pois objetivava a agilização do trabalho das missões. No entanto, nem sempre houve a correspondência devida da parte dos reis. Prevalciam-se de seus poderes para promover interesses políticos, cometendo verdadeiros abusos em nome da religião. O Marquês de Pombal é o exemplo típico dessa ambigüidade. Sob o pretexto de servir aos interesses do Evangelho, combateu a Companhia de Jesus, chegando a expulsá-la de Portugal e do Brasil.

As Reduções, dentre as quais a da República dos Guaranis, um dos objetos deste trabalho, constitui-se numa experiência jesuítica singular.

Foi admirada por importantes figuras do tempo, algumas das quais “não alimentavam qualquer simpatia particular pela Companhia de Jesus, tais como Raynal, Montesquieu, Voltaire, Buffon, D’Alembert”. (LUGON C. 1968, pág. 278-279).

O período áureo daquela Redução (1650-1720) foi marcado por táticas adotadas com certa autonomia pelos Jesuítas, entre as quais pode citar-se a direção firme e ao mesmo tempo paternal que imprimiam, a fim de que os Guaranis pudessem progredir em cultura e civilização, já que se mostravam incapazes de planejar sua organização social e sua rede industrial.

Entretanto, as Reduções, inovadoras para seu tempo, acabaram provocando a intervenção dos brancos, movidos pelo desejo de controle e pela cobiça de mercadores e funcionários da Corte, crentes que os Jesuítas amealhavam tesouros em ouro, ou mesmo pela rivalidade existente entre Portugal e Espanha em busca da hegemonia sobre os territórios, ou mesmo pela hostilidade contra a Companhia de Jesus.

Não se pretende aqui negar as falhas que possam ter ocorrido nos empreendimentos da República dos Guaranis, nem tampouco fazer só alarde positivo do mesmo. Pretende-se apenas analisar as implicações e decorrências do funcionamento desse sistema, sugerindo algumas indagações ao final deste trabalho, dentre as quais; a República Guarani se caracterizou, de fato, pelo exercício de uma sociedade fraterna, sem classes, hierarquizada e implantada sob a égide da boa vontade?

É a tarefa a que se propõe o estudo, a partir de pesquisa bibliográfica, de análise interpretativa dos textos e dos filmes mencionados.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA SOBRE AS BASES DA INFLUÊNCIA DA IGREJA

A importância do papel exercido pela Igreja, com ênfase nos séculos XIV a XVIII, se apresenta como algo significativo. Para a melhor compreensão, basta se reportar às condições em que se encontrava a sociedade durante os séculos convencionados por Alta Idade Média, período em que a Igreja se apresenta como a principal ordem hierarquicamente organizada, uma vez que o poder civil encontra-se desagregado. Conseqüentemente, a agregação se faz mais à volta dos mosteiros do que sob o poder dos senhores laicos.

Vê-se que os próprios monarcas reconhecem o que a Igreja, solidamente organizada, podia representar para os reinos cristalizarem as possibilidades de união e de domínio espiritual sobre o pensamento do indivíduo da época. Não é raro ver as autoridades laicas e as religiosas partilharem de uma mesma castelania.

Já desde o século XII, constatam-se as doações em terra feitas à Igreja, como expressão de reconhecimento pelo constante apoio que ela concedia ao poder central, chegando por exemplo na Inglaterra a constituir 1/3 da superfície arável do país. Surgem os tribunais eclesiásticos, nos quais as questões eram julgadas conforme as

regras em vigor na Igreja Romana. A Igreja também fornece funcionários à administração real e, desta forma, contribui para o fortalecimento do poder central. No entanto, nem sempre as relações entre a Igreja e o poder central foi um “mar de rosas”, havendo conflitos, como por exemplo o que João-sem-Terra estabeleceu com o Papa Inocêncio III, pelo simples fato de o rei recusar-se a aprovar o candidato do Papa, Etienne de Langton, para ser o Primaz da Inglaterra, o que lhe trouxe a escomunhão e a conseqüente deposição. Mais uma vez o poder da Igreja se fez impor, o rei renunciou, entregando sua coroa nas mãos do Papa.

Como já visto, pela extensão de terras cultiváveis que detinha, os rendimentos da Igreja eram provavelmente três vezes maior que os da coroa, “tendo ainda o Papa o direito de lançar um imposto pessoal sobre a Igreja da Inglaterra sem que o rei tivesse dele conhecimento”. (ABRANSON, M et alli, 1978, pág. 144).

Vai daí concluir-se que muitos benefícios, por estarem reservados ao Papa, podiam se reverter aos seus protegidos.

Na Alemanha, Frederico I, O Barba Ruiva, enceta uma luta aberta contra o papado, empreendendo-a contra as cidades do Norte da Itália. Chegando a Roma - com seu exército dizimado pela malária - volta com toda pressa para a Alemanha e com seus planos de conquista frustrados, tem que se humilhar diante do Papa Alexandre III, renunciando à sua política em relação à Igreja. O clero, detentor de grandes latifúndios, era por demais influente a ponto inclusive de consolidar a sua autoridade por esse poder.

Igualmente, em 1479, Fernando de Aragão “fez depender a Igreja da realeza e converteu-se em Grão-Mestre da Orden dos Cavaleiros-Monges, numerosos e influentes, apoderando-se de seus bens. Com sua autonomia restringida, a Igreja ficou ao serviço do rei. Com a Inquisição em 1480, faz dela uma das forças mais influentes da Espanha” (ABRANSON, M et alli, 1978, pág. 244 e 245).

Assim, muitas vezes a Igreja, suas riquezas e privilégios, foram odiados pelas camadas da população, inclusive os feudais laicos cobijavam seus bens e os burgueses a limitação dos direitos do clero e expulsão dos eclesiásticos estrangeiros.

Jan Hus, patriota checo, fundador de uma doutrina antecatólica, vilipendiava a hipocrisia e a exploração da gente da Igreja, considerando inadmissível ela possuir bens fundiários.

Excomungado, mesmo assim traduziu a Bíblia, despojando a Igreja Católica do privilégio de ser aquela capaz de interpretar as Escrituras. No entanto, acabou preso, quando do Concílio de Constança, sendo queimado vivo em 1415, assim como seu continuador, Jerônimo de Praga.

Tem, pois, a Igreja sobrevivido aos desmoronamentos de impérios, feudos e reinados, e adaptou-se às condições novas, uma vez que o declínio cultural que seguiu à queda do mundo antigo proporcionava ambiente propício à difusão e consolidação do sentimento religioso, objeto de querelas teológicas da literatura própria. “O homem medieval não podia conceber a vida sem a intervenção de Deus e do Diabo. O seu espírito estava possuído pela crença do sobrenatural e da vida do além”. (ABRANSON, M et alli, 1978, pág. 244 e 245).

Torna-se, portanto, fácil entender que o homem medieval acreditava não ser possível passar sem a Igreja Salvadora. A Igreja define-se com o Papa no topo, e reveste-se da função social de forjar a ideologia feudal e a sociedade e sua organização dependia daquilo que era desejado por Deus. Desta forma, a Igreja molda costumes e exerce um papel político-social, principalmente na Europa Ocidental, apresentando-se como única força de união, centrada na cúria pontifícia que intervinha em problemas até de política internacional, bem como dirigir suas lutas contra as heresias que proliferavam.

Os soberanos laicos submetiam-se ao arbítrio do Papa sobre diferentes assuntos, transferindo assim à Igreja a marca das relações de forças. No

entanto, o papado conhece seu declínio e cai na dependência da nobreza romana. O período de desmembramento feudal, favorável ao absolutismo pontifício, chegava ao fim no século XII, sendo substituído por estados centralizados e reforçados, prontos a irem contra as pretensões do papado. Mas a Igreja já penetrara na massa do povo e continuara *a exercer sobre ele, uma influência inconteste, embora já não detivesse o poder de outrora.*

A Igreja do Século XIV, ressentida de falhas do papado e do clero, enfrenta agora as diversas correntes heréticas, período, no entanto, em que floresce a santidade na Igreja, porém de forma discreta. O Império Germânico e o Papado se vêm diante de uma guerra árdua.

A influência dos reis de França faz com que o Papa Clemente V transfira a sede do papado para Avinhão, destacando-se ali João XXII, homem piedoso, que mostra zelo pela salvação das almas, dinamizando a organização da Cúria Romana e, dentre outros trabalhos, funda a Universidade de Cambridge (Inglaterra).

Seu pontificado é enormemente marcado pelas lutas contra o Imperador Luiz IV da Baviera e reivindica para o Papado, o governo da Itália como Vigário Imperial, enquanto a coroa da Alemanha estivesse em disputa entre este rei e Frederico da Áustria. Nomeia, então, Roberto de Anjou, rei de Nápolis, para tal papel, atitude não aceita pelo monarca, que entra em Roma e promove a eleição de um antipapa, Nicolau V. Logo, com o abandono deste ao cargo e Luiz IV, não conseguindo êxito com suas tramas na Itália, chega a pedir reconciliação com João XXII. Com sua morte, há uma enorme distensão entre a Igreja e o Império.

A ordem monástica conhece grande fervor e fidelidade a regras tradicionais, mas não demora a cair num processo de aburguesamento. As melhores vocações procuram outras ordens que sigam regimes de austeridade. O abade, nesse caso, torna-se **Senhor**, chegando a se equiparar a um conde, tentando muitas vezes levar sua vida à parte

da comunidade, com residência própria, sem a vocação para monge, o que o devia caracterizar.

Em 1377, o Papa Gregório XI abandona Avinhão e restabelece o papado em Roma, mas a Igreja fora grandemente abalada. A relação de forças em seu âmbito íntimo havia mudado, haja vista que, no Século XV, a Igreja Católica chega a ter três Papas, que se excomungavam uns aos outros..., nada conseguia salvar o antigo prestígio, sofrendo duros golpes. A idade de Reforma não tardaria...

2.CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA DAS REDUÇÕES

Examinando os registros e analisando as Reduções na América do Sul, tem-se que reconhecer, que a República dos Guaranis não foi apenas uma tentativa frágil - mas que enquanto durou - deu provas das mais sólidas de sua funcionabilidade, tendo sucumbido apenas sob a pressão das forças espanholas e portuguesas e à hostilidade do mundo colonial.

A República Guarani se caracterizou por ter sido uma sociedade **fraternal** e **organizada**, segundo princípios cristãos. Seu regime de propriedade, seus modos de produção e distribuição apresentaram-se como os mais dignos em termos de participação conjunta e desinteressada para um projeto socialista. O que o jesuíta fez foi cristianizar o *modus vivendi* do povo guarani, repartindo os bens em igualdade e fraternidade, como era hábito entre quase todos os selvícolas do Brasil.

Privilegiada por construir-se em terreno virgem, teve sua vida econômica e social progressiva e surpreendentemente enriquecida e diferenciada. A fé cristã alimentava o espírito de amizade, unidade e igualdade no corpo social, minimizando o sentimento de coerção entre os indivíduos.

A **raça guarani** efetiva dessa República não ocupava, no século XVI, somente o Paraguai, "mas toda a área compreendida entre os confins do Equador e o Rio da Prata, quase todo o Brasil, onde

foi dizimada pelos portugueses, e ainda o Uruguai e as províncias de Corrientes e Entre-Rios, na Argentina”. (LUGON, C. 1968, pág. 22).

Apesar de várias hecatombes, esse povo subsiste até nossos dias, com língua e caráter próprios. Embora não tendo nenhum privilégio e contando apenas consigo, mostrou-se capaz de preservar sua liberdade, defendendo-se com armas iguais. As Reduções se desenvolveram de tal maneira que, quando em 1631 o bispo de Assunção, Dom Cristóbal de Aresti as visitou, foi recebido com júbilo e por mais prevenido que estivesse sobre o que ali ocorria, confessou que o que via superava suas expectativas. Não obstante, por uma série de aspectos interferentes, essa mesma República, após trinta anos de vida, ficou reduzida à metade, para voltar a florescer a seguir, devendo seu incremento sensível à obra dos neófitos e de seus missionários.

Obrigada a abandonar os estabelecimentos de Guaíra e do Tape, a República Guarani ocupou seu território definitivo nas margens do Paraná e do Uruguai, estendendo-se em todas as direções em localidades concentradas, no ponto em que os dois rios estão mais próximos um do outro. Esse povo consagrou seus melhores esforços na construção de igrejas. Vestígios desse desvelo podem ser vistos, ainda, na ruínas. A arquitetura e o trabalho decorativo permitem aquilatar a capacidade criadora desses neófitos. Embora conservassem para suas povoações a denominação de **povoados**, foram autênticas cidades para a época, por sua ordenação, dimensão e porte arquitetônico de seus edifícios. As reduções mais povoadas em 1729 foram:

A organização das Reduções apresentava algumas funções públicas similares à que observamos nas sociedades contemporâneas. Eram exercidas inclusive através de eleições. O conselho de cada redução, por exemplo, compreendia: o corregedor ou presidente, o qual tinha às suas ordens, um comissário administrati-

| POVOADO | N.º DE HABITANTES |
|--------------|-----------------------|
| Santa Maria | 6.958 |
| Santa Rosa | 5.291 |
| Itapuã | 5.829 |
| Loreto | 6.933 |
| S. Nicolau | 7.335 |
| S. Luís | 5.984 |
| Concepción | 5.493 |
| S. Lorenzo | 6.215 |
| S. Miguel | 4.710 (6.838 em 1753) |
| Santo Ângelo | 4.745 (5.104 em 1753) |
| Yapeyu | 4.921 (6.726 em 1753) |
| Yapeyu | 7.954 em 1767 |

Fonte: LUGON C. 1968, pág. 81.

vo, dois alcáides - juízes em matéria criminal - mais dois alcáides para dirigir o policiamento das ruas e dos campos e um fiscal e seu lugar-tenente, encarregado da manutenção dos registros.

A polícia aplicava as leis e mantinha a ordem, de forma preventiva, uma vez que as advertências eram suficientes na maioria dos incidentes, sendo os infratores conduzidos ao juiz, sem quaisquer aparatos que indicassem abuso de poder. Mesmo sendo grave o delito cometido pelos mesmos, os casos eram estudados conscientemente. O culpado era submetido às penalidades, cumprindo-as sem a mínima resistência e com resignação.

Em relação às responsabilidades militares, todos os homens e adolescentes aptos para o serviço eram chamados à instrução militar, sendo as reduções fortificadas, cercadas de paliçadas, fossas ou muralhas. A República Guarani possuía suas fronteiras delimitadas e em condições de defesa, mas em condições de enfrentamento, sem igualdade bélica com os espanhóis e portugueses, geralmente derrotada quando das batalhas travadas.

Chegaram a fabricar o tecido, produzindo panos decorados; construíram barcos de transporte extremamente resistentes e canoas de guerra para

trinta a quarenta guerreiros. As profissões artesanais foram introduzidas e prosperaram. A orientação profissional foi praticada muito antes do que na própria Europa, chegando os missionários a se extasiarem com a habilidade extraordinária dos guaranis.

O amor à música foi cultivado pelos povos da Reduções, inclusive nos cerimoniais litúrgicos da Igreja. Também a pintura, a arte, o entalhe em madeira e pedra subsistem até nossos dias através dos acervos de museus e construções.

O estudo realizado permite formar a convicção de que seria injusto comparar os jesuítas aos comerciantes escravistas. Um exame objetivo daquela obra nos persuade de que a conduta dos padres foi a mais proba e correta possível. O grande mérito dos religiosos foi o de assegurar ao povo guarani a renda integral de seu trabalho. O gado, por exemplo, sempre foi propriedade comum em cada Redução. E a atitude prática em relação ao loteamento é outro exemplo concreto de repartição suficiente da terra para cada família, uma vez que não se entusiasmavam absolutamente pela apropriação, contentando-se pela posse recebida.

A emulação para a aprendizagem de ofícios se mantinha sem que houvesse a necessidade de recorrer à motivação com ganhos privilegiados. A sociedade esforçava-se por assegurar a cada um a formação e as condições de vida e de conforto que permitissem o melhor rendimento dos dotes simples. Tudo estava organizado e funcionava de forma simples, orgânica, flexível e livre...

A pedagogia escolar dos jesuítas esteve geralmente inspirada nas condições de vida do povo, sendo orientada para a vida prática. Os guaranis tinham uma paixão muito viva pela arte da palavra e da expressão, pronunciando discursos inflamados. Chegaram a fornecer copistas que nada deviam aos monges da Idade Média. Copiaram com perfeição livros inteiros, em guarani, espanhol e latim, em caligrafia gótica ou em caracteres de imprensa.

A República dos Guaranis foi fundada e patrocinada pelos jesuítas nos Séculos XVI a XVIII através da Campanha de Jesus, fundada por S. Inácio de Loiola, que se colocou à inteira disposição da Igreja como força militante, numa época em que o Protestantismo se alastrava e novos campos de trabalho se abriam nas terras de além-mar. O interesse particular dos jesuítas pelos povos aborígenes da América do Sul foi despertado em decorrência dos costumes decadentes e do mau exemplo que os brancos representavam para aqueles povos. Para evitar contatos maléficos e preservá-los em sua identidade, fundaram as Reduções, grandes aldeias compostas mais ou menos por 5.000 habitantes.

Os jesuítas, geralmente, em número de dois ou três em cada Redução, eram, ao mesmo tempo, diretores espirituais, chefes no plano temporal, administradores da fazenda e, quando necessário, capitão dos índios. O regime era comunitário, tendo cada família sua casa e seu jardim, mas o cultivo das terras lavráveis era coletivo. Os padres forneciam a semente, acompanhavam o trabalho, armazenavam os produtos e distribuíam a cada família o necessário para o seu consumo cotidiano...

Assim viviam em aldeias cristãs, dezenas de milhares de indígenas.

As ações dos padres junto aos guaranis tinham por objetivo o bem estar dos mesmos e sua proteção, já que sempre estiveram expostos à exploração dos brancos e sem capacidade de organização. Precisavam de uma direção forte e, ao mesmo tempo, paternal para progredir em cultura e civilização.

Inovadoras para o seu tempo, as Reduções logo acabaram por despertar a cobiça dos brancos, movidos pelo desejo de controlá-las e, conseqüentemente poderem usufruir das riquezas que acreditavam ter os jesuítas amealhado.

A República que durou de 1610 a 1767, terminou em conseqüência do tratado de Madrid, pelo qual Portugal entregou à Espanha a Colônia

de Sacramento - hoje Urugai - e recebia em troca o território dos Sete Povos das Missões, que correspondia à extensão da República.

Portugal, não desejando ter os índios em seu território, os expulsou para o outro lado do rio, o que ocasionou inúmeras contendas, pois os índios preferiam morrer em seu torrão natal, do que deixá-lo.

Como se percebe, se não houve a concretização de todos os propósitos acalentados pelos jesuítas, principalmente a organização democrática da propriedade e do trabalho, as Reduções passaram para a História como exemplo de uma república autônoma, evidência de uma experiência realizada pelos homens, embora concebida cedo demais para o mundo da época!

3. PARA MAIORES INFERÊNCIAS:

3. 1. O Filme “O Nome da Rosa”

O filme, extraído do romance de Umberto Eco, se passa num período de sete dias, no fim de novembro de 1327. É protagonizado por um frade franciscano, Guilherme de Baskerville, e por seu secretário Adson de Melk, beneditino, numa grande abadia do norte da Itália.

A abadia é imaginada como um centro cultural e cuja peça principal é sua biblioteca na qual os monges lêem e transcrevem. Seu recinto é construído em forma de um labirinto, acessível apenas ao Abade, ao bibliotecário e a seu vice. No cenário da abadia, ocorrem fatos misteriosos à noite. Por exemplo: morrem 7 monges sucessivamente em sete noites, de maneira estranha.

Para verificar o que estava ali ocorrendo, o Imperador Luís da Bavieira envia o ex-inquisitor franciscano, Guilherme de Baskerville, para investigar os fatos. O objetivo mais amplo do Imperador, no entanto, é o de desvendar a trama que envolve a própria Igreja do século XIV. A Igreja se ressentia de crises constantes, tendo em

vista que o Imperador se conferia o direito de nomear os bispos para que se tornassem seus vassalos e aliados políticos. Tal atitude o punha em conflito com o Papa João XXII, residente em Avinhão.

Por outro lado, a corte papal em Avinhão deixava muito a desejar, pois os prelados levavam vida mundana, acarretando despesas vultosas e outros males de ordem moral. O fato, muito bem explorado, tanto na trama do livro, como no filme, permite imaginar que surge na época um forte espírito de ridicularização da vida monástica.

Quase todos personagens são marcados por vícios ou por traços de infidelidade. Tem-se a impressão de que os monges lá estão em função de sutilezas que os apaixonavam; prevaricando com certa naturalidade e atribuindo ao demônio as desgraças de que eles próprios eram culpados.

O filme enfatiza a Inquisição, apresentando cenas horrendas, ficando patente que as questões de fé ensejavam a intervenção dos mais altos escalões do reino e/ou do papado, que entrelaçados, combatiam as heresias consideradas muito *mais infrações de ordem pública, do que delitos contra a fé*.

A grande biblioteca se parece como um covil de obscurantismo. O canto é grotesco e desafinado.

A discussão vem marcada por um debate ridículo sobre minúcias teológicas. A vida da comunidade, por sua vez, encontra-se poluída pela sedução homossexual, seguida de suicídio. Os miseráveis camponeses que vivem em torno do mosteiro, são tratados com cruel arrogância e sem caridade. Há sempre um murmúrio de perversidade. E em meio a tudo isto, surge o Inquisitor, que acrescenta mais uma dose de superstição.

3. 2. O Filme “A Missão”

Este se refere a acontecimentos ocorridos em meados do século XVIII na “República dos Guaranis”, fundada e dirigida pelos jesuítas em favor dos índios, num regime comunitário, sobre

inspiração cristã. As Reduções ou Pueblos, acabam por serem vítimas da cobiça dos portugueses sob o governo do Marquês de Pombal, principalmente após ter Portugal tomado posse do território, através do Tratado de Madrid. Este país quis expulsar os índios e jesuítas, acusados de prepotência.

Verifica-se, no filme, o heroísmo dos missionários e sua fidelidade aos ideais do serviço e da caridade, preferindo morrer, mas não abdicando de sua missão de proteção aos índios das reduções. A grandiosidade das cenas, principalmente as que apresentam o esforço heróico dos jesuítas, enfrentando rios, cachoeiras e montanhas para entrar em contato com os guaranis, aos quais pretendem levar a Boa-Nova do Evangelho e os princípios da civilização, extasiam.

O filme tem seu início com a demonstração de coragem dos missionários jesuítas, dirigidos pelo Pe. Gabriel que, apesar das dificuldades, vem ao encontro dos índios, adentrando-se na selva inóspita, via Sete Quetas do Iguaçu. A música da flauta encanta os aborígenas que, espantados, deixam-se convencer em lugar de concretizarem suas ameaças.

O escravizador, Capitão Rodrigo Mendoza, demonstra práticas de violência sem raia, matando impiedosamente os índios e seu próprio irmão.

Homem violento, cai na melancolia e no desespero, até quando é visitado pelo Pe. Gabriel que o reanima e lhe propõe penitência pelas graves faltas cometidas. Ele acaba aceitando e presta dura penitência, carregando pesado fardo através das selvas e sobre rochas escarpadas. Finalmente, convertido a uma vida nova, ingressa na Companhia de Jesus e em território das missões, se torna noviço, trabalhando arduamente com os jesuítas em favor dos Guaranis. Tudo vai bem na missão, até quando aparece uma delegação dos reis de Espanha e Portugal, que acusa os jesuítas de desobediência aos monarcas, assim como de dominar os índios. Funcionários prepotentes e com

ordens expressas do Marquês de Pombal de extinguir a República dos Guaranis, expulsam os missionários, forçando os índios ao retorno à vida selvagem.

Contrariados por tais decisões, eles não obedecem e se opõem à execução das ordens. Mas os enviados dos reis são irredutíveis, resultando aí a guerra no rio e nas selvas, lutas nas quais acabam sendo mortos os missionários, incendiadas as casas da Redução e afugentados os índios.

Ao final do filme, os delegados das Cortes, vitoriosos, em torno de uma mesa de refeições, perguntam entre si, se fora necessário tamanha carnificina, ao que os demais hesitantes, acabam por responder: Sim, pois o “mundo é isso”.

3.3. O Filme “República dos Guaranis”

O filme retrata a história dos aldeamentos indígenas fundados e dirigidos pelos jesuítas no sul do Brasil entre 1610 e 1767. Do ponto de vista artístico pode ser considerado pobre, uma vez que o enredo deixa muito a desejar, apresentando pessoas e vozes que discursam sobre os índios e os jesuítas, assim como imagens de ruínas da República e cenas da vida dos índios.

Apresenta a República fundada pelos padres da Companhia de Jesus, objetivando defendê-los dos adversários - os bandeirantes escravizadores - e evangelizando-os através da catequese inspirada numa cultura associada a uma ordem social humanitária e próspera, o que ocasionava aos índios um bem-estar e uma tranquilidade notáveis e embasada na produção de erva-mate e na pecuária, como principais esteios da economia guarani. Esta experiência dura um pouco mais de século e meio. O filme é entremeado por cenas, provavelmente, extraídas de outros filmes ou documentários, assim como exhibe o testemunho de alguns jesuítas e do Pe. Clóvis Lugon, que aparecem como se apoiassem a tese do roteirista e/ou produtor.

O filme, de tendência iconoclasta, tenta desfazer credences, mitos e mistificações ideológicas; analisa os fatores a partir de premissas inspiradas na concepção de que os jesuítas seriam uma organização “multinacional” posta a serviço dos reis da Espanha e de Portugal e interessada em dominar e explorar os índios a fim de criar para si e para os monarcas colonizadores, tesouros materiais.

4. ANÁLISE INTERPRETATIVA À GUIA DE CONCLUSÃO:

4. 1. Sobre O Filme “O Nome da Rosa”

O filme exagera os conflitos, com tendências a denegrir os personagens, uma vez que não aparecem tipos honestos, mas apenas perversos, hipócritas, glutões, dados a vícios da carne, sem nenhuma grandeza ética. É mordaz, como se fosse uma caricatura da vida de um mosteiro e até certo ponto da Igreja, malgrado as características da Igreja na época, induzindo o expectador a um ceticismo doentio e a uma descrença sobre os costumes monásticos. Dirigido pelo Diretor francês Jean-Jacques Arnaud e rodado num mosteiro da Alemanha datado de 1145, o filme tem aspecto policial.

Tem-se a impressão de que os monges da Idade Média viviam em função de sutilezas que os apaixonavam, desfigurando-se pois a vida medieval. Mas, se críticas podem ser tecidas à vida monástica e à Igreja Medieval, não se pode esquecer de todos os demais valores da época, dentro dos quais, santos e santas se notabilizaram pelos exemplos de suas vidas.

O filme, ao enfatizar a Inquisição, apresenta cenas dantescas, assim como surpreende a degradação do realismo escolástico e insinua que a experiência amorosa, na sua inocência original, confina com a experiência mística, tudo contado pelo velho monge Adson, que fala de suas lembranças do terrível evento de que participara,

quando ainda jovem noviço, em que a morte misteriosa de monges envolvidos com a leitura clandestina do único exemplar de um segundo volume de Poética da Aristóteles, são desvendadas por Guilherme de Basckerville.

Percebe-se, no filme, um mundo penetrado pelo mal, o que até coloca o expectador numa situação de tédio, do qual só desperta, ao final, na cena em que o velho monge ao se despedir daquela jovem, fica sem saber qual era seu nome. Quem sabe se o seu nome era Rosa?

4. 2. Sobre o Filme “A Missão”

No filme há pontos impressionantes para o expectador, quando por exemplo o Pe. Gabriel, morre levando processionalmente o SS. Sacramento, acompanhado pelos índios. Esta cena é a manifestação nítida de que a violência vem do coração do homem prepotente e arrogante, que não ama e não respeita o próximo.

O filme é um elogio à Campanha de Jesus, deixando clara a intenção dos missionários, numa época em que as cortes européias se digladiavam com a Igreja e vice-versa, numa ambigüidade proposital, uma vez que os monarcas, principalmente de Portugal e Espanha, serviam-se de pessoas e a proposições doutrinárias da Igreja, para melhor atingirem seus objetivos políticos.

A intenção dos pontífices, ao fazerem concessões aos reis, era até certo ponto, boa, pois visava agilizar o trabalho das missões. Todavia os poderes conferidos acabaram por servir aos interesses políticos com a força e a autoridade que a religião podia conferir às suas ordens.

Sem dúvida, o filme “A Missão” retrata um aspecto da dolorosa situação que, para a Igreja, se criou por causa dos abusos do Padroado por parte dos reis de Portugal e Espanha.

Conclui-se que foi a política anticlerical do Marquês de Pombal que causou o drama da República dos Guaranis, do qual o filme “A Missão” focaliza alguns traços finais.

Pode-se crer que o heroísmo dos missionários, fato bem ilustrado, é um espécime de amor-ágape (amor gratuito) dos cristãos para com seus irmãos indígenas. O filme sugere, pois, algumas interrogações e suscita questões, tais como: Existiu verdadeiramente o amor verdadeiro, o amor inspirado no evangelho... amor, porém que, por ser autêntico, não faz alarde, mas merece ser reconhecido e incentivado para que a humanidade não seja vítima do seu próprio egoísmo?

4. 3. Sobre o Filme “República dos Guaranis”:

O filme parece pretender reinterpretar a história das Reduções de índios, orientadas pelos Jesuítas, vendo-se no roteiro, uma certa tendência de imputar aos missionários certa exploração dos índios a pretexto de evangelização. Há, inclusive, a acusação à Companhia de Jesus e à Igreja, a partir de premissas inspiradas na consmovisão marxista.

Atribui-se aos missionários a pregação do Evangelho caracterizado num Cristo inimaginável, cabendo aos jesuítas inaugurar o imperialismo espiritual dos tempos modernos. Isto parece uma crítica evasiva ao que se tem atribuído à ação evangelizadora da Igreja, especialmente ao trabalho da Companhia de Jesus entre os índios.

Pode-se acrescentar, ainda, que o filme “brinca” com imagens de valor histórico, humano e cristão, em favor de concepções preconceituosas e tendenciosas.

4. 4. Num contexto geral:

As circunstâncias da “liquidação” ocorrida com as Reduções jesuíticas, no caso deste trabalho, a República dos Guaranis, levanta reflexões sobre as injustiças cometidas pelos poderosos, pois da mesma maneira como se agiu em relação aos índios da América do Sul, assim se fez em relação aos da América do Norte - vide “ENTERREM MEU CORAÇÃO NA CURVA DO RIO” - e com os

negros escravizados, população que poderia continuar livre, como Deus a fez, mas que, pela ganância do homem branco, foi arruinada em seus contumes, vendo reduzidas suas possibilidades de subsistir como seres humanos dotados de uma dignidade intransferível.

A História da República Guarani¹ destaca particularmente as atrocidades praticadas pelos colonialistas.

O que se pretende ainda enfatizar diz respeito ao fato de que a concentração de liberdade, que num certo tempo, gozaram os povos das Reduções jesuíticas, deveu-se ao processo de descentralização administrativa que vigorava em cada uma delas. Tal constatação pode concorrer para a afirmação de que os guaranis desfrutaram de um profundo sentimento, tanto de liberdade, como de segurança. Viviam, em resumo, num sistema de comunidade social participativa e fraterna, o que até hoje muitos homens do século XX ainda não experimentaram!

5. ANEXOS: DAS MANIFESTAÇÕES SOBRE AS REDUÇÕES JESUÍTICAS

"É aí que a religião é amável e é, primeiramente, nos seus ministros que ela se faz amar. Nada iguala a pureza dos costumes, o zelo terno e suave, os cuidados paternais dos jesuítas do Paraguai. Cada pastor é verdadeiramente o pai, como guia de seus paroquianos. Não se sente a sua autoridade porque ele nada ordena, defende ou pune senão o que é punido, defendido e ordenado pela religião que eles reverenciam e adoram tanto como ele próprio".

RAYNAL

"É para ela (a Companhia de Jesus) um título de glória ter sido a primeira a mostrar nessas paragens a idéia de religião aliada à de humanidade; reparando as devastações dos espanhóis, começou a curar as maiores feridas que o gênero humano aí recebera".

MONTESQUIEU

"O estalecimento do cristianismo no Paraguai, por iniciativa única dos jesuítas espanhóis, parece, em certos aspectos, o triunfo da humanidade".

VOLTAIRE

Nada acarretou para o cristianismo maior honra que o ter "moralizado" esses povos e estabelecido um Estado sem outra arma senão a virtude.

BUFFON

Soberanos nesse vasto país, tornam felizes, ao que se assevera, os povos que lhes obedecem e que eles lograram dominar sem o emprego da violência.

D'ALEMBERT

Bibliografia

1. ABRAMSON, M. et al. **História da Idade Média do Século XI ao Século XV**. Lisboa - Portugal : Editorial Estampas, Ltda. 1978. 390 p.
2. ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges. **História da Vida Privada**, 2 : Europa feudal a Renascença. São Paulo : Companhia das Letras, 1990. 635 pg.
3. HAUBERT, Maxime. **Índios e Jesuítas das Missões**. São Paulo : Companhia das Letras/ Círculo do Livro, 1990. 312 p.
4. LUGON, C. **A República Comunista Cristã dos Guaranis**. Rio de Janeiro : Ed. Paz e Terra Ltda. 1968. 353 p.
5. PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média**. Sintra - Portugal : Publicações Europa-América. 1981. 211 p.